

PROCESSO DE GENTRIFICAÇÃO: REFLEXÕES DAS (RE) VALORIZAÇÕES NOS CENTROS HISTÓRICOS

Matheus Mendonça da Rocha¹
Tarcísio Dorn de Oliveira²

Palavras-chave: Cidade; História; Preservação; Sociedade

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os processos de requalificação de porções históricas das cidades, entram em pauta nas últimas décadas, tendo sido mencionada já na década de 1970 pela recomendação de Nairobi, devido aos valores históricos que estas regiões apresentam e a relevância que as mesmas possuem para as cidades. Os processos de requalificação destas áreas objetiva atribuir novos usos ou restaurar obras relevantes para o cenário da arquitetura.

Entretanto estes processos de requalificação, quase sempre, aliam-se a turistização desses espaços, atraindo públicos de outras regiões, valorizando o solo, remodelando a paisagem social e tornando-se eletiva com seus habitantes. Dessa forma, o presente texto reflete sobre os processos de gentrificação, decorrentes destas revalorizações de centros históricos nas cidades evidenciando os principais motivos desse fenômeno e as consequências do mesmo no cenário urbano.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada para a realização deste texto foi a de revisão bibliográfica e documental, através da análise autores e normativas pertinentes ao assunto, com o objetivo de elucidar os conceitos e definições abordados ao longo da pesquisa

¹ Estudante do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Membro do grupo de pesquisa GTEC. Bolsista de iniciação científica CNPq E-mail: matheusdarocha010@gmail.com.

² Pós-doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade Meridional (IMED). Doutor em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI). Mestre em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). E-mail: tarcisio.oliveira@unijui.edu.br.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo Alcântara (2018) o conceito de gentrificação, foi utilizado pela primeira vez, em 1964 pela então socióloga e estudiosa Ruth Glass, ela utilizou este termo para definir os processos de transformação imobiliária, ocorridos nos bairros de Londres. Tais processos consistiam na apropriação dos bairros operários pela alta burguesia da época (*Urban Gentry*), o que resultou na elitização de determinadas porções da cidade. Como consequência do referido processo urbano houve uma alta nos valores dos aluguéis, e aumento dos preços de bens e consumos essenciais nas regiões, desta forma as famílias menos abastadas da época eram obrigadas a se recolherem aos guetos, marginalizados da cidade.

Desde seu surgimento, o termo Gentrificação tem sido amplamente utilizado em pesquisas e estudos, além de gerar debates acerca da desigualdade social, urbanismo, e desenvolvimento das cidades, estimulando o debate no que diz respeito aos processos de segregação, resultantes da prática de requalificação de sítios históricos, com a intenção de fomentar o turismo.

Segundo Braga (2014) apesar do fenômeno de gentrificação ocorrer mais frequentemente em áreas de ocupação recente, os processos também ocorrem em áreas já consolidadas por diferentes gerações, e em diferentes contextos históricos de apropriação. Alguns destes espaços, apresentam uma relevância histórica e cultural para o contexto da cidade, o que acaba por originar os centros históricos.

Desta forma estes centros históricos, passam a apresentar uma relevância econômica para a cidade, tendo em vista o fomento do comércio e do turismo histórico, resultantes desta requalificação, seguida pela valorização atribuída pelas classes média e alta ao se alocarem próximos a estes espaços.

A excessiva apropriação dos chamados centros históricos para o turismo em algumas cidades tem levantado preocupações devido ao impacto econômico, espacial e cultural dos visitantes que vivem como residentes por um período de tempo limitado (HOFFMAN; 2003, p. 286-299).

A partir destas apropriações do espaço, por parte das classes altas, e o fomento do turismo, com objetivos econômicos, surge o processo de gentrificação, ao passo que, estas regiões passam a exigir de seus residentes, uma renda

elevada, para manter um padrão de vida mínimo, o que resulta em uma evasão da população mais pobre destas regiões, além da alta nos preços dos imóveis, resultante dos alugueis de curtas temporadas, como é o caso de cidades históricas como Salvador e Ouro Preto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A valorização dos centros históricos mostra-se extremamente relevante, no âmbito da preservação do patrimônio histórico e arquitetônico, sendo um dos meios de manter viva a memória coletiva de uma comunidade, desta forma a sua requalificação, e atribuição de novos usos, torna-se relevante para o contexto econômico e social da cidade.

Torna-se fundamental que haja um diálogo entre o espaço requalificado e a comunidade que habita estes espaços, afim de evitar que ao modificar o mesmo, surja o sentimento de não pertencimento, sejam por não se identificar com o lugar, ou pela segregação, proveniente da supervalorização da região do ponto de vista econômico, visando apenas o turismo e não os moradores locais. É imprescindível que o profissional arquiteto e urbanista torne-se responsável por estas reunificações, tendo em mente a importância de não somente valorizar os espaços, mas também, de atribuir para a vida dessas pessoas e as suas futuras gerações.

5 REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Maurício Fernandes de. 2018. "Gentrificação". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/gentrificacao>. Acesso em 22/10/2021

BRAGA, Emanuel Oliveira. Dicionário do Patrimônio Cultural. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/78/gentrificacao>. Acesso em: 10/10/2021.

HOFFMAN, Lily M. The marketing of diversity in the inner city: tourism and regulation in Harlem. *International Journal of Urban and Regional Research*, v. 27, n.2, p. 286-299. 2003.